

EDITORIAL

A INFORMAÇÃO E O RESULTADO DO TRATAMENTO ONCOLÓGICO

O exercício da oncologia exige do médico, mesmo sem nenhum vínculo acadêmico, atualização permanente e uma visão ampla de pesquisa clínica. Atualmente já existe a necessidade de que estes especialistas tenham ao menos algumas noções fundamentais de pesquisa básica para que possam entender o que está sendo publicado na literatura nacional e internacional. Boa parte daquilo que foi aprendido durante a residência médica há poucos anos, provavelmente já seja obsoleto. Somente um médico atualizado, e ao mesmo tempo experiente, pode dar ao paciente o que existe de melhor visando a cura ou a palição.

A atualização de conhecimentos pode ser feita de várias maneiras, entre elas o hábito de consultar revistas médicas e participar de congressos e cursos de reciclagem. Manter os especialistas em oncologia constantemente informados é uma obrigação para qualquer instituição formadora de recursos humanos. Através da Acta Oncológica Brasileira, a Fundação Antonio Prudente coloca ao dispor dos oncologistas informações atualizadas sobre diversos pontos de vista, publicando artigos científicos gerados por especialistas de diferentes áreas. A revista é totalmente aberta a todos os médicos, dentistas, psicólogos, nutricionistas, fisioterapeutas, fonoaudiólogos que desejam submeter artigos originais em português, espanhol ou inglês.

Recentemente foi instalado na biblioteca do Hospital A.C. Camargo o sistema de pesquisa bibliográfica através do oncodisc, que além de fornecer informações sobre as publicações já com resumos dos artigos, fornece outras opções, como PDQ, De Vita (com os dois últimos advances) e a classificação TNM. Esta importante fonte de informações encontra-se à disposição de todos os interessados.

Através do Centro de Estudos do Hospital A. C. Camargo, durante o ano de 1994, foram realizados vários eventos científicos de porte internacional, onde foram abordados temas atuais referentes às diversas subespecialidades da oncologia. A elaboração de programas científicos com ênfase aos aspectos de pesquisa, novos métodos de diagnóstico e tratamento, tem contribuído significativamente para a reciclagem dos profissionais. Além disso, durante estes eventos tem sido possível discutir e implementar projetos de pesquisa multiinstitucionais. Esta colaboração é fundamental porque dada a velocidade com que se gera conhecimento em oncologia, o trabalho conjunto entre serviços clínicos e laboratórios de pesquisa básica, pode permitir que, a curto prazo, ampliem-se as possibilidades de contribuições originais relevantes, passíveis de publicações internacionais. O papel mais importante destes estudos é propiciar aos pacientes tratamentos que possam trazer melhores resultados, tanto sob o ponto de vista de taxas de sobrevida quanto de qualidade de vida.

Durante muitos anos a preocupação fundamental do oncologista ao relatar resultados referia-se exclusivamente às taxas de sobrevida a 5 anos. Dada a necessidade de respostas mais imediatas, a apresentação de resultados através de curvas atuariais que refletem os dados de uma forma elegante e dinâmica, passou a ser praticamente padrão na literatura oncológica. Até quando vamos nos restringir a estes dados quantitativos? Um melhor resultado de sobrevida em termos quantitativos pode não ser o mesmo sob o ponto de vista de qualidade. De que serve ganhar-se alguns dias, semanas ou poucos meses de sobrevida, se a dor é terrível, as complicações do tratamento graves e extremamente desconfortáveis, e passar a maior parte do tempo confinado a um leito hospitalar longe do carinho da família e dos amigos? A relação custo-benefício de um tratamento não pode ser medida apenas sob o ponto de vista de taxas de sobrevida e econômico.

É preciso que haja uma discussão franca com o paciente sobre as possibilidades e conseqüências de cada passo do tratamento.

Há informações preciosas perdidas em nossos arquivos. Bons prontuários com dados colhidos de maneira sistemática são fontes preciosas que podem responder a uma série de questões relevantes. Evidentemente a sofisticação de métodos estatísticos não salva um mau banco de dados. Mas é penoso ter-se um excelente banco de dados e não extrair dele todas as informações possíveis. Deve-se planejar estudos com objetivos claramente definidos, escolhendo casuística que possa responder a estas questões e usar metodologias estatísticas adequadas. Cada vez mais devemos incluir informações sobre a qualidade de vida. Evidentemente que esta informação não pode ser excessivamente subjetiva, nem os parâmetros serem de resultados "bons" ou "ruins". Para o futuro devemos incluir em nossos protocolos avaliações mais objetivas destes resultados utilizando-se questionários padronizados. Os prontuários de hoje e de amanhã serão a fonte dos estudos retrospectivos do futuro. É oportuno que neles estejam incluídos os dados que possam permitir a avaliação da qualidade de vida obtida.

Luiz Paulo Kowalski

Diretor do Departamento de Cirurgia de Cabeça e Pescoço,
Coordenador do Centro de Estudos Hospital A. C. Camargo, Fundação Antonio Prudente,
Diretor Científico da Acta Oncológica Brasileira.